



NOTA À IMPRENSA

São Paulo, 01 de setembro de 2005.

CESTA BÁSICA TEM QUEDA EM 16 CAPITALS NO MÊS E EM UM ANO

Em agosto, o preço do conjunto de produtos alimentícios de primeira necessidade recuou em todas as 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. As quedas variaram entre -0,49%, em Salvador, e -6,37%, em Recife. Também em comparação com agosto de 2004, o custo dos gêneros essenciais apresentou retração em todas as localidades, com variações entre -1,92%, em Goiânia, e -11,85%, em Florianópolis.

São Paulo – onde a cesta básica teve retração de 1,74% - permanece como a localidade onde a ração essencial mínima, conforme definida do Decreto-Lei de 30 de abril de 1938, é mais cara (R\$ 175,12). O segundo maior valor foi apurado em Porto Alegre (R\$ 172,86), cidade em que os gêneros essenciais tiveram redução de 1,08%. Os menores preços foram apurados em Salvador (R\$ 133,57); Recife (R\$ 134,26), Fortaleza (R\$ 134,42) e João Pessoa (R\$ 134,75). Os dados podem ser vistos na Tabela 1.

Com base no maior valor apurado para a cesta básica e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve suprir as necessidades de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, transportes, educação, vestuário, higiene, saúde, lazer e previdência, o DIEESE estima, mensalmente, o valor do salário mínimo necessário. Com a tendência de queda no custo da cesta, também o salário mínimo necessário teve redução, em agosto, e seu valor deveria ser de R\$ **1.471,18**, ou seja, 4,90 vezes o piso vigente de R\$ 300,00. Em julho, ele deveria valer R\$ 1.497,23, o que corresponde a 4,99 vezes o valor do mínimo. Há um ano, o salário mínimo necessário correspondia a R\$ 1.596,11, ou 6,13 vezes o salário mínimo de então (R\$ 260,00).

Variações acumuladas

Com a queda de preços apurada em agosto, sete capitais passaram a registrar uma taxa negativa no ano: Brasília (-3,73%), Belém (-2,91%), Florianópolis (-1,65%), Porto Alegre (-1,08%), Vitória (-1,05%), Goiânia (-0,81%) e Rio de Janeiro (-0,51%). Dentre as nove localidades

onde a variação acumulada é positiva os destaques são cidades do Nordeste: Recife (9,16%), Fortaleza (7,77%), João Pessoa (6,83%) e Salvador (6,14%). Em 12 meses – entre setembro de 2004 e agosto deste ano – os alimentos básicos ficaram mais baratos em todas as capitais, e, em três cidades a variação acumulada negativa foi superior a -10,0%: Florianópolis (-11,85%), João Pessoa (-10,21%) e Aracaju (-10,06%).

Cesta x Jornada

Para adquirir os gêneros essenciais, o trabalhador que ganha salário mínimo precisou cumprir, em agosto, na média das 16 capitais, uma jornada de 110 horas, ou seja, 3 horas e 49 minutos a menos do que era exigido em julho (113 horas e 49 minutos). A redução é muito mais expressiva quando se considera o tempo de trabalho necessário em agosto de 2004, quando chegava a 137 horas e 22 minutos.

O mesmo resultado é obtido quando se compara o custo da cesta com o valor do salário mínimo líquido, isto é, após os descontos referentes à Previdência. Em agosto, a aquisição da cesta comprometia 54,14% dos vencimentos, na média das 16 capitais, enquanto em julho eram exigidos 56,02%. Há um ano, a mesma compra necessitava 67,61% dos ganhos de quem recebia salário mínimo.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Agosto de 2005

CAPITAL	VARIAÇÃO MENSAL (%)	VALOR DA CESTA	PORCENTAGEM DO SALÁRIO MÍNIMO LÍQUIDO	TEMPO DE TRABALHO	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
SALVADOR	-0,49	133,57	48,21	97h 57min	6,14	-4,92
PORTO ALEGRE	-1,08	172,86	62,39	126h 46min	-1,08	-9,02
BRASÍLIA	-1,63	162,44	58,63	119h 07min	-3,73	-4,06
SÃO PAULO	-1,74	175,12	63,21	128h 25min	1,70	-3,92
NATAL	-1,79	137,74	49,72	101h 01min	4,51	-9,42
RIO DE JANEIRO	-2,41	164,54	59,39	120h 40min	-0,51	-7,98
BELÉM	-2,75	145,35	52,46	106h 35min	-2,91	-8,13
BELO HORIZONTE	-3,06	159,83	57,69	117h 13min	4,96	-9,30
GOIÂNIA	-3,27	147,69	53,31	108h 18min	-0,81	-1,92
ARACAJU	-3,49	135,04	48,74	99h 02min	2,84	-10,06
CURITIBA	-4,03	156,64	56,54	114h 52min	0,47	-8,90
FORTALEZA	-4,18	134,42	48,52	98h 34min	7,77	-3,78
FLORIANÓPOLIS	-5,49	154,82	55,88	113h 32min	-1,65	-11,85
VITÓRIA	-6,06	150,78	54,42	110h 34min	-1,05	-8,65
JOÃO PESSOA	-6,36	134,75	48,64	98h 49min	6,83	-10,21
RECIFE	-6,37	134,26	48,46	98h 27min	9,16	-8,69

Fonte: DIEESE

Comportamento dos preços

O barateamento do conjunto de gêneros essenciais em todas as capitais, em agosto, resultou da queda nos preços dos itens de maior importância para o consumo das famílias e que apresentaram redução generalizada na maior parte das localidades pesquisadas.

Apenas o açúcar registrou aumento em 11 cidades, com destaque para Aracaju (25,56%), Florianópolis (14,29%), João Pessoa (9,82%) e Salvador (9,57%). Houve estabilidade em Vitória e São Paulo e as quedas ocorreram em Belo Horizonte (-2,20%), Goiânia (-2,41%) e Brasília (-7,74%). Nos últimos doze meses, o produto teve alta nas 16 capitais, com variações entre 2,63%, em São Paulo, e 30,85%, apurada em João Pessoa. A redução na safra da cana-de-açúcar devido à seca em regiões produtoras do Nordeste justifica o comportamento.

O tomate vem tendo, nos últimos três meses, tendência de queda. Em junho e julho, seu preço havia recuado em 12 capitais. Em agosto a retração verificou-se em 15 localidades, com destaque para Vitória (-33,51%), Recife (-32,54%) e João Pessoa (-30,00%). A única alta, pouco expressiva, ocorreu em Natal (0,58%). Favorecido pelo comportamento climático, o produto teve grande safra e, em um ano, seu preço recuou em todas as capitais, com taxas entre -18,75%, em Fortaleza e -57,14%, em Recife.

O feijão, que vinha registrando tendência altista nos últimos meses, teve redução em seu preço em 13 capitais, principalmente em localidades do Nordeste como João Pessoa (-9,29%), Aracaju (-8,20%) e Recife (-6,09%). O recuo é justificado pela boa safra de inverno que teve temperatura bastante elevada e chuvas em volume suficiente. Na comparação anual, porém, foram apuradas elevações expressivas em Salvador (74,38%), Goiânia (51,28%) e São Paulo (47,60%). Apenas em Fortaleza (-4,00%) seu preço caiu.

A carne, produto de maior peso no custo da cesta, registrou redução em 12 capitais, com as maiores taxas negativas verificadas em Florianópolis (-5,07%) e Curitiba (-4,48%). Houve estabilidade no Rio de Janeiro, e pequenas altas em Natal (1,73%), Belo Horizonte (0,75%) e Brasília (0,12%). O inverso ocorreu no período de um ano, com elevação em 11 capitais, as mais significativas verificadas em Salvador (8,88%), Rio de Janeiro (8,57%) e Vitória (7,43%). O barateamento ocorreu em cinco capitais, com taxas entre -5,42% (Florianópolis) e -1,92% (em Natal). O aumento da oferta, inclusive com abate de matrizes, pressionou, para baixo, o preço da carne.

A tendência de queda no preço do arroz – produto beneficiado, há um ano, com a isenção dos impostos PIS/Pasep e Cofins, inclusive sobre insumos do plantio, como adubos, fertilizantes, sementes etc – já apurada nos últimos meses, repetiu-se em agosto, quando o DIEESE verificou queda em 12 capitais. Destacaram-se Porto Alegre (-7,50%), Fortaleza (-6,64%) e Belo Horizonte (-5,30%). Em Natal não houve alteração no preço e aumentos registraram-se em Curitiba (7,80%), Brasília (5,23%) e Recife (0,63%). Em um ano, o preço do arroz teve queda expressiva nas 16 capitais, com taxas que variam de -15,56, em Curitiba, a -46,85%, em Belém.

O óleo de soja também confirmou, em agosto, a tendência a recuo de seus preços, com queda em 12 cidades. As reduções mais significativas ocorreram em Curitiba (-7,93%), Belo

Horizonte

(-6,12%) e Recife (4,56%). Foram observadas elevações no Rio de Janeiro (1,56%), Natal (0,50%) e Florianópolis (0,43%) e estabilidade em Salvador. Na comparação anual, o produto ficou mais barato em todas as capitais. A maior queda ocorreu em Fortaleza (-35,38%) e a menor, em Recife (-13,86%). A quebra da safra causada pela grande seca na região Sul não provocou aumento no preço do óleo, uma vez que foi contrabalançada pela redução do preço no mercado internacional e pelo câmbio com a desvalorização do dólar.

O preço do leite recuou em dez capitais, em agosto, enquanto a manteiga, seu derivado, registrou retração em 11. Como o período ainda é de entressafra, o comportamento apurado é não convencional. Em parte, esta queda pode ser atribuída aos fortes ganhos obtidos pelos produtores nos últimos dois anos. As quedas mais significativas, para o preço do leite, ocorreram em Porto Alegre (-6,04%) e Florianópolis (-3,39%). O produto permaneceu estável em Brasília, Aracaju e Fortaleza e pequenas altas ocorreram em João Pessoa (0,83%), Goiânia (0,72%) e Salvador (0,69%). Nos últimos 12 meses, 11 capitais tiveram aumento, principalmente Salvador (11,45%), Vitória e Goiânia (ambas com 6,56%) e Rio de Janeiro (6,24%). Houve queda em cinco cidades: João Pessoa (-4,69%), Porto Alegre (-4,40%), Florianópolis (4,26%), Aracaju (-4,20%) e Natal (-2,14%).

No caso da manteiga, as principais reduções mensais foram observadas em Recife (-13,85%), Vitória (-13,19%) e Porto Alegre (-8,84%). Entre as cinco localidades com aumento aparecem Brasília (7,40%), Aracaju (1,63%) e Florianópolis (1,35%).

São Paulo

A cesta básica, na capital paulista, apresentou, pelo terceiro mês consecutivo, o maior custo entre as 16 capitais, com seu valor chegando a R\$ 175,12, com queda de 1,74%, em relação a julho. Em doze meses, a retração é de 3,92%, enquanto nos oito meses deste ano foi apurada elevação de 1,70%.

Dos 13 produtos que compõem a cesta, três apresentaram aumento em agosto: farinha de trigo (0,83%), banana nanica (1,14%) e café em pó (3,37%). O açúcar refinado registrou estabilidade. Outros nove itens tiveram recuo: batata (-21,43%), tomate (-3,43%), óleo de soja (-2,58%), arroz agulhinha tipo 2 (-2,26%), feijão carioca (-1,41%), pão francês (-1,20%), leite *in natura* tipo C (-0,64%), manteiga (-0,25%) e carne bovina de primeira (-0,12%).

Nos últimos 12 meses, seis produtos tiveram queda: tomate (-38,44%), batata (-32,78%), arroz (-23,53%), óleo (-20,92%), farinha (-11,03%) e banana (-3,82%). Os aumentos ocorreram para feijão (47,60%), café (14,82%), manteiga (8,31%), pão (5,31%), leite (5,12%), açúcar (2,63%) e carne (2,32%).

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, para comprar os alimentos básicos, em julho, jornada de 128 horas e 25 minutos, enquanto em julho eram necessárias 130 horas e 42 minutos. Em doze meses, a redução do tempo de trabalho necessário é mais efetiva, uma vez que, em julho de 2004, a aquisição dos gêneros essenciais comprometia 154 horas e 13 minutos.

A mesma situação pode ser verificada quando se compara o custo da cesta básica com o salário mínimo líquido, depois da dedução da parcela da Previdência. Em julho, 63,21% dos ganhos de um trabalhador remunerado pelo mínimo seriam destinados à sua alimentação, taxa menor que em julho, quando o percentual comprometido situava-se em 64,33%. Em agosto de 2004, 75,91% do mínimo destinavam-se à compra dos gêneros essenciais.

O comportamento declinante dos preços está permitindo sensível redução na jornada de trabalho necessária para a compra da cesta básica, que em agosto registrou o menor tempo dos últimos dez anos, como mostra a Tabela 2

TABELA 2
Cesta básica x salário mínimo
Menor jornada de trabalho em cada ano
São Paulo - 1996 a 2005

Ano	Mês	Jornada
1996	dezembro	181 h 58 min
1997	setembro	167 h 05 min
1998	setembro	170 h 07 min
1999	julho	166 h 40 min
2000	junho	159 h 27 min
2001	set e out	152 h 47 min
2002	maio	142 h 11 min
2003	agosto	145 h 09 min
2004	maio	142 h 44 min
2005	agosto	128 h 25 min

Fonte: DIEESE